

DF - SAÚDE

Hospitais vão reduzir número de refeições

17 JAN 1987

Os hospitais da rede particular decidiram reduzir o número de refeições servidas a acompanhantes de pacientes internados em virtude do hábito surgido ultimamente de quatro a cinco pessoas comerem nos quartos, aproveitando o fato de haver carne, verduras, legumes e frango. O primeiro a tomar a iniciativa foi o Santa Luzia, cujos responsáveis ficaram alarmados com o número de refeições extras pedidas à cozinha.

Os hospitais encontram dificuldades para abastecer suas despesas e reivindicam tratamento especial. No setor de medicamentos, a situação torna-se crítica. Somente os que fizeram grandes estoques estão conseguindo superar a crise. Mesmo assim já há dificuldade na obtenção de certos produtos. Os médicos foram solicitados a receitar produtos alternativos, similares dos que estão em falta. O recurso tem sido a compra nos representantes ou em farmácias, que cobram preços mais caros. As famílias dos doentes têm sido chamadas a colaborar.

REFEITORIO

A diretora financeira do Hospital Santa Luzia, Ana Cláudia Peixoto Leal, diz ter sido obrigada a "policiar" a distribuição de refeições extras para que não faltasse alimentação aos doentes. Os acompanhantes vinharam fazendo o hospital de restaurante. Sob o ponto de vista econômico isto não afetava, pois todas as refeições eram incluídas na conta do doente. Contudo, o setor de compra de alimentos tinha seu trabalho redobrado e, se já estava difícil comprar mantimentos para os doentes e um acompanhante, a situação ficava pior com os "extras".

Uma de suas assessoras lembrou a "desfaçatez" de uma senhora com a filha internada na Maternidade. Ao mesmo tempo em que participava o nascimento da neta a amigos e parentes, convidava para comer no hospital, "onde a comida era uma delícia e havia carne". O Santa Luzia, assim como outros hospitais particulares, está resolvendo os problemas da compra de carne e frango colocando funcionários nas filas dos açougues e supermercados. Para a compra de verduras e legumes não está havendo problemas já que tem fornecedores próprios.

Ana Cláudia tentou, juntamente com diretores de outros hospitais, que lhes fosse dado tratamento especial na distri-

buição de carne, mas segundo ela a luta foi infrutífera já que os açougues e supermercados têm medo de uma "abertura". A cozinha do Santa Luzia já enfrentou problemas para aquisição de produtos como manteiga e óleo comestível. Segundo Ana Cláudia, a crise já está contornada.

O Hospital Santa Lúcia há cinco meses não recebe uma série de medicamentos como álbümina humana e penicilina. O diretor administrativo, Hamilton Heitor de Queirós, recusou-se a comentar os problemas enfrentados pela entidade. Um dos responsáveis pelo setor de Farmácia informou que os estoques de medicamentos já estão na "margeim de segurança", sem haver reposição pelos fabricantes. Desde novembro as entregas têm escasseado. O hospital é obrigado a procurar o que necessita junto aos distribuidores ou a fazer compras nas farmácias. Embora tenha desconto de 5 por cento, o preço cobrado nas farmácias é superior ao dos fabricantes. Quanto aos preços pagos não há problemas para o hospital, já que a medicação ministrada é cobrada na conta do paciente.

Os fornecedores de medicamentos alegam falta de embalagem e de matéria-prima, além de dificuldades no transporte e o excesso de pedidos feitos nos dois últimos meses do ano. O material de expediente usado nos hospitais vem sendo adquirido nas papelarias, com ágio. Segundo o responsável pelo setor no Hospital Santa Lúcia a cobrança do ágio é feita "na maior" com valores acima da tabela sendo cobrados na nota fiscal. O Hospital Santa Luzia, que fez grandes estoques de medicamentos nos meses de novembro e dezembro, já se ressente da falta de penicilina de 5 mil unidades, inexistente no mercado. A de 10 mil ainda existe, mas os estoques de seu almoxarifado estão no fim.

Em épocas normais, os fornecedores entregavam os pedidos com 20 ou 30 dias. Agora, não há previsão de entrega. A falta de medicamentos nos hospitais já fez com que famílias dos doentes fossem mobilizadas para procurar em outros Estados. As necessidades, até agora, foram sempre atendidas, não havendo registros de doentes que tivessem ficado sem medicacão. Os médicos estão sendo aconselhados a receitar similares dos medicamentos em falta, mas mesmo estes já são difíceis de encontrar.